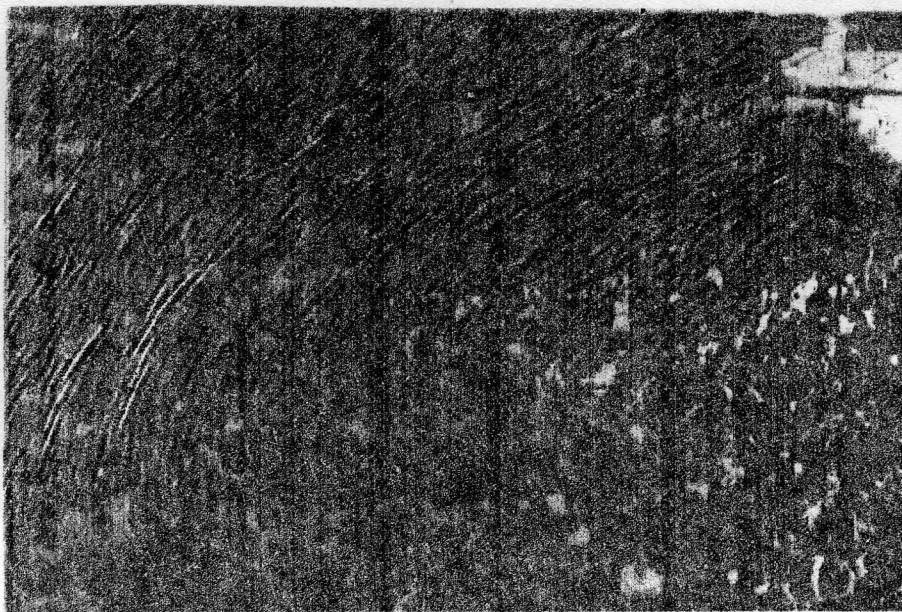


# 88 HISTORIAL DE UMA CRISE

" OS ESTUDANTES LUTAM POR UMA UNIVERSIDADE EM QUE POSSAM VIVER  
COMO HOMENS, E, COMO HOMENS, TRABALHAR EM BENEFÍCIO DE TODOS "

( Abril, 1969 )



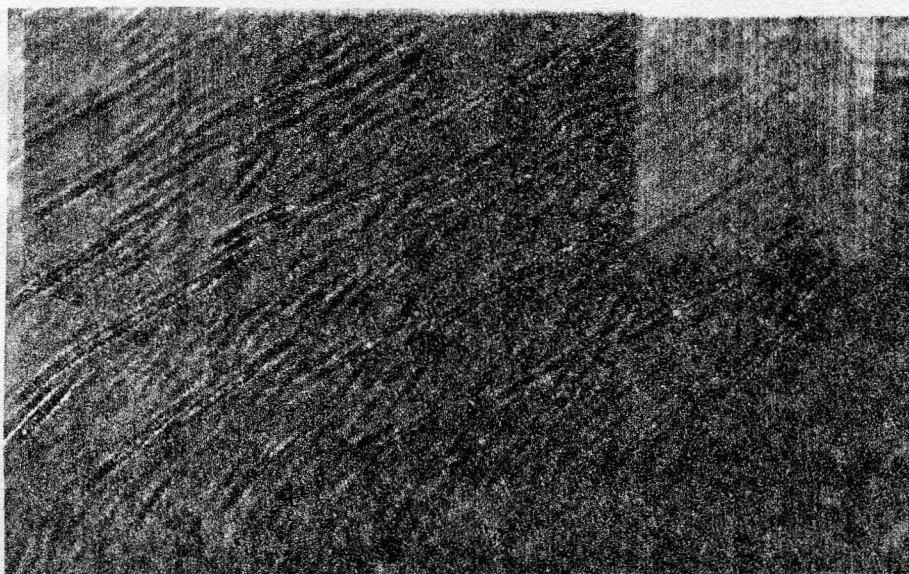
" OS ESTUDANTES PREFEREM SER HOJE MAIS POBRES OU TEREM MENOS DIPLO-  
MADOS NA NAÇÃO DE AMANHÃ DO QUE SEREM HOJE MENOS DIGNOS E TEREM  
AMANHÃ UMA PÁTRIA DE TRAIDORES "

( Abril, 1969 )

# O 17 DE ABRIL DE 1969

Ao promover a comemoração de 17 de Abril é intenção da Direcção Geral da A.A.C. trazer à ordem do dia um dos pontos mais altos da luta estudantil durante o fascismo.

Seguramente não poderíamos ficar indiferentes perante tal data que é, sem dúvida, um marco no Movimento Estudantil e na luta da juventude contra o fascismo e o colonialismo.



" A UNIDADE E VONTADE COLECTIVA DA ACADEMIA DE COIMBRA NÃO SE DESMORONAM  
POIS ASSENTAM NA AUTÊNTICA SOLIDARIEDADE DOS ESTUDANTES "

Coimbra, Abril de 1969

Este o lema que conduziu a luta estudantil em 69, este o lema que deveria ainda hoje nortear toda a vida associativa dos estudantes de Coimbra. Assim pensamos que ao fazer o historial da luta de 69 se ultrapassa o campo meramente histórico, trazendo à ordem do dia os parâmetros fundamentais que a nortearam e que ainda hoje mantêm grande actualidade. É que o movimento grevista de 69 extravazou largamente o âmbito académico pondo em causa todo um sistema. Efectivamente se a



Juventude trabalhadora e estudantil é normalmente apontada como tendo desempenhado um importante papel na luta contra o fascismo e o colonialismo, não é menos certo também que foi 69 um dos pontos mais altos dessa luta.

Entretanto, nesta introdução, gostaríamos de fazer ressaltar fundamentalmente a grande unidade e solidariedade estudantil, únicas armas de um movimento forte e unitário que logrou assim importantes conquistas. É que, ainda hoje, só a unidade estudantil em torno de objectivos comuns poderá ser a base de um M.A. de massas, forte e unitário.

Ao mesmo tempo o Movimento Estudantil em 69 é exemplo educativo no campo do enquadramento da luta estudantil na luta mais geral do Povo Português.

De ressaltar ainda o carácter amplamente democrático de todo o processo que determinou uma clara coesão e determinação estudantil que nem o aparato militar e bélico, de que a Academia e a Cidade foram palco, foi capaz de deter.

Eis alguns pontos que quisámos destacar nesta pequena introdução e que são por demais significativos para caírem no esquecimento. Pareceu-nos portanto bastante oportuna a publicação deste historial da crise de 69 que a seguir apresentamos.

- - - - -

- 17 de Abril - não foi concedida a palavra aos estudantes no acto inaugural do Edifício das Matemáticas. Os estudantes tinham comunicado aos Ministérios da Educação e das Obras Públicas, bem como ao Reitor a sua vontade de usarem a palavra durante tal sessão. O Reitor recusou, pelo que, em última instância, se dirigiram respeitosamente ao então Presidente da República durante o acto inaugural no sentido de lhes ser concedida a palavra.

- 22 de Abril - oito estudantes são suspensos (seis da Direcção Geral da A.A.C.; um Presidente do C. Fiscal da mesma A.A.C., e um elemento da Comissão Nacional dos Estudantes Portugueses).

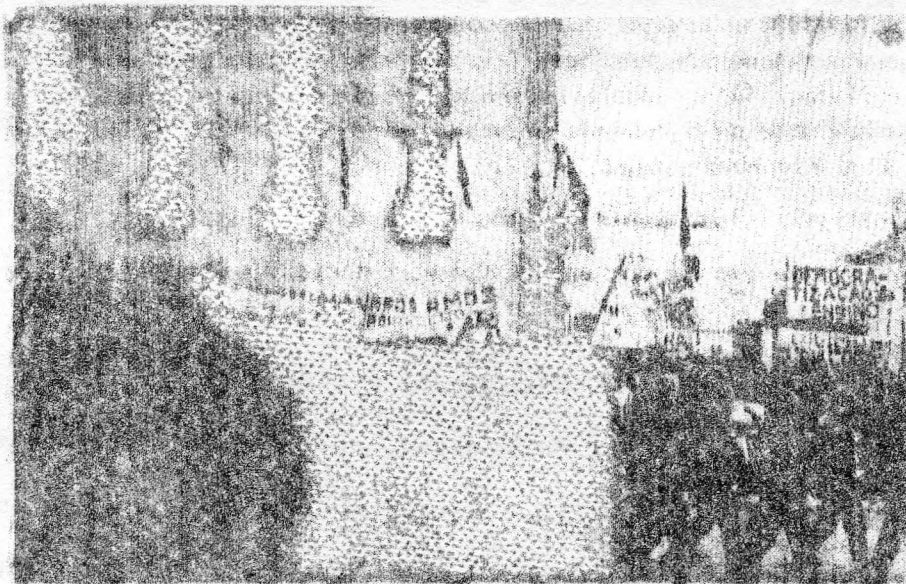
- Posteriormente, cento e cinquenta e um professores exprimem a sua solidariedade aos referidos estudantes e o interesse de serem recebidos pelo então Presidente da República em diligência que possibilitava ao Governo a solução imediata da crise. As palavras dos estudantes, às diligências propostas pelos professores respondeu-se com o desprezo do silêncio, com a indiferença dos surdos-mudos que só ouvem e só querem ouvir o seu próprio pensamento. Durante treze dias estudantes e professores sentem a angústia de quem clama no deserto. Com efeito, só no dia 30 de Abril o então Ministro da Educação "achou conveniente e oportuno" mostrar-se àqueles que dele dependiam e expor-lhes o seu pensamento. A conclusão foi de âmbito Nacional porquanto não só a sua imagem se revelou bem pouco simpática, como também as suas palavras apenas se revelaram uma intenção manifesta de, na recusa do diálogo, juntar ao silêncio a ameaça disciplinar e policial.

Os estudantes, porém, conscientes do direito que lhes assistia, continuaram não só o seu trabalho de estudo, análise, crítica da crise da Universidade que tanto o está afectando, como souberam na prática juntar às soluções teóricas que propunham a experiência de um Luto Académico que, longe de provocar a indisciplina e a desordem, sugeriu a possibilidade de uma Universidade efectivamente disciplinada pelo respeito autêntico de valores não autoritários mas humanos.



As autoridades Académicas e governamentais, porém, não o compreenderam e apenas reconheceram aos estudantes e a toda a Nação o direito ao silêncio e à ameaça.

A 22 de Abril, a Academia, em Assembleia Magna, e reagindo com a arbitrária carga da polícia de cheque, contra a ilegal prisão de presidente da A.A.C., contra a ilegalidade de suspensões aplicadas a numerosos estudantes, exprimiu colectivamente a sua vontade de na prática mostrar ao Governo e à Nação que já era altura de pôr cobro à intransigência. Assim surgiu o Luto Académico em aulas. Porém o Governo igualmente desprezou estas demonstrações colectivas de solidariedade e de consciência geral



de indignação pelas ilegalidades e injustiças cometidas. A unidade e a vontade colectiva da Academia de Coimbra, porém, não se desmoronou como o fascismo pretendia.

A 28 de Maio, numa última tentativa de demonstrar às autoridades responsáveis que a solidariedade dos estudantes não era suposta mas autêntica, estes ousaram, em esmagadora maioria, por ao serviço dos imperativos da sua consciência moral a coragem dos seus sacrifícios pessoais. E, assim, colectivamente, exprimiram um voto de solidariedade - ou havia exames para todos ou não havia para ninguém. A Cidade de Coimbra foi testemunha do carácter maioritário e colectivo dos votos da sua Academia e soube julgar se era ou não justo o desprezo cego, surdo e mudo que eles mereceram.

Pairou então sobre Coimbra o espectro das denúncias e das prisões, dos processos disciplinares e criminais, dos cacetetes e das coronadas.

A 2 de Junho, os estudantes de Coimbra e a própria Cidade tiveram a amarga sur-

pressa de assistir à aparatosa ocupação policial da sua Universidade. Cordões da G.N.R., a pé e a cavalo, cordões da P.S.P., destacamentos da Polícia de Choque tomaram conta da Cidade Universitária, impedindo o livre acesso a estudantes e professores. Justificou-se a sua presença, invocando a "liberdade de exames" de uma pequena minoria de indivíduos que, na denúncia e egoísmo mesquinho logo se denunciaram no seu reduzidíssimo número e na sua falta de camaradagem e solidariedade estudantil. O que se pretendia, sim, era aproveitar uma eventual manifestação e durante ela reprimir toda uma Academia e com o susto pregado quebrar a sua coragem. Os estudantes, porém civicamente evitaram toda e qualquer confrontação directa com a polícia, todo e qualquer acto que pudesse dar azo à repressão policial. À desordem que se desejava substitui-se a distribuição de flores à população como forma concreta de destruir a propaganda que intencionalmente pretendia pôr a opinião pública contra os estudantes, acusados de violências e desordens.

Recorreu então o Governo ao Código Penal descobrindo crimes até então ignorados - crime de ajuntamento de mais de três pessoas, crime de provocação ao duelo, crime de testemunho público, etc., etc., etc.. Recorreu igualmente a uma campanha de aliamento dos denunciantes, sugerindo-se a toda uma juventude o vil espectáculo da delação.

Na penitenciária e nos calabouços da judiciária permaneceram, incommunicáveis tais como assassinos ou ladrões, dezenas de estudantes cujo único crime foi o de honrar a sua qualidade de estudantes, a sua solidariedade, o seu ser social.

- - - - -



## MONOPÓLIO DA INFORMAÇÃO

Os órgãos de informação - jornais, rádio e televisão - incluíam apenas notas governamentais, notas das autoridades académicas, comunicados da Polícia Judiciária. Nunca os estudantes de Coimbra puderam fazer ouvir a sua voz.

Quanto às referências da imprensa estrangeira reproduzimos extractos de "Le Monde" e de "La Stampa".

" Centenas de polícias e guardas republicanos armados cercaram, segunda - feira, a Universidade de Coimbra para protegerem os estudantes que desejam realizar os seus exames apesar da decisão tomada pelos estudantes de os boicotar. Todavia, somente 58 dos 8000 se apresentaram nas salas de exame na manhã de segunda - feira. "

( LE MONDE 3/6/69 )

" O aspecto do costume: muitas barbas revolucionárias, manifestos com slogans de contestação. Mas tudo com ar tranquilo e ordeiro, sem inscrições nas paredes, nem grupos tumultuosos de activistas. Durante as duas semanas de ocupação das Faculdades não causaram o mínimo estrago e um jornal inglês escreveu que em Coimbra teve lugar a mais cívica manifestação da Europa ..."

( LA STAMPA, 30/5/69 )

### Calúnias e ilegalidades

O Governo fascista combateu os estudantes pela força e não os amedrontou. Recusou-lhes o diálogo e eles continuaram falando serenamente. Encerraram e ameaçaram punir alguns dos seus e os estudantes continuaram gritando a sua liberdade. Tentaram dividi-los e eles continuaram unidos. Perante a razão e a justiça só existe uma arma - a calúnia. Pelo País fora espalhou-se que os estudantes desfloravam donzelas, violavam domicílios, espancavam grávidas, provocavam danos e distúrbios.

A Cidade de Coimbra, porém, foi testemunho de magnífico exemplo de dignidade e civismo que os seus estudantes souberam dar. A Nação, porém, foi tendenciosamente iludida pela nota da Polícia Judiciária, hábilmente espalhada aos quatro ventos.

A unidade dos estudantes na sua abstenção aos exames foi igualmente posta em dúvida pelas notas informativas governamentais. Contudo veja-se:

LETRAS	-	2.910	inscritos	-	201	furos
MEDICINA	-	2.370	"	-	38	"
DIREITO	-	3.230	"	-	103	"
CIÊNCIAS	-	4.494	"	-	119	"
FARMÁCIA	-	43	"	-	3	"

As autoridades, procurando derrotar um movimento em si mesmo já invencível, recorreram a todas as ilegalidades. Contudo, EM PAISAGEM DE REPRESSÃO OS ESTUDANTES GRITAM PAZ E OFERECERAM FLORES À CIDADE.

